

HOWARD PYLE

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Tradução:
Vivien Kogut Lessa de Sá



Título original:

The Story of King Arthur and his Knights

Copyright da tradução © 2013, Vivien Kogut Lessa de Sá

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro

Revisão: Tamara Sender, Vania Santiago

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Pyle, Howard, 1853-1911

P998r Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda/Howard Pyle; tradução
Vivien Kogut Lessa de Sá. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

il. (Clássicos Zahar em edição bolso de luxo)

Tradução de: The story of King Arthur and his knights

ISBN 978-85-378-1405-5

1. Arthur, Rei – Ficção. 2. Reis e governantes – Ficção. 3. Ficção americana. I. Sá, Vivien Kogut Lessa de. II. Título. III. Série.

CDD: 813

14-18674

CDU: 821.111(73)-3

APRESENTAÇÃO

NASCIDO EM WILMINGTON, no estado americano de Delaware, em 5 de março de 1853, Howard Pyle tornou-se célebre muito mais como ilustrador de livros infantojuvenis do que como escritor. Na verdade, ele escrevia para ilustrar seus textos.

Pyle produziu textos e pinturas para diferentes casas editoriais, jornais e periódicos. Foi também professor de ilustração no Drexel Institute of Arts and Sciences, na Filadélfia, e dedicou-se à pintura mural em edifícios públicos (em Minnesota, em Nova Jersey).

Intensamente produtivo, ilustrou cerca de 3.500 publicações, muitas das quais de sua própria autoria, duzentos artigos de revistas e jornais e dezenove livros. O seu texto mais famoso, para além da série arturiana, é *As aventuras de Robin Hood* (1883), glosado para diversas faixas etárias ao longo dos anos e transformado em animação infantil pelos Estúdios Disney.

Howard Pyle faleceu de uma infecção renal em Florença, Itália, em 9 de novembro de 1911.

PYLE ESCREVEU uma espécie de tetralogia cíclica, cujo primeiro título é este que o leitor tem em mãos: *A história do rei Arthur e seus cavaleiros* (1903), *A história da Liga dos Cavaleiros da Távola Redonda* (1905), *A história de Sir Lancelot e seus companheiros* (1907), *A história do Graal e a morte de Arthur* (1910).

Para o primeiro livro de sua saga arturiana, Pyle restringiu-se ao nascimento, sagração e casamento de Arthur com Guinevere (Livro I), o que inclui a importante participação do mago Merlin, trajetória que ele resolveu em seguida recheiar com a descrição das façanhas de Sir Pellias e Sir Gawaine, alguns “notáveis” da Távola Redonda (Livro II).

O autor escolheu esplendidamente os dois núcleos dramáticos de que iria tratar. No primeiro, em que fala do nascimento e da ascensão de Arthur, são importantes todas as artimanhas “mágicas” que marcaram sua vinda ao mundo e a constituição de seu reino.

O segundo núcleo dramático é o *affair* entre Merlin e Vivien. Mesmo capaz de moldar as diretrizes de um reino e eleger um rei, de interferir no curso dos acontecimentos e se fazer respeitar e ouvir por todos os poderosos, Merlin sucumbiu aos artifícios de uma bela menina de apenas quinze anos, perfeita encarnação da mulher perigosa da misoginia medieval.

Howard Pyle criou uma obra antes de tudo “visual”, cuja plasticidade não se circunscreve apenas aos desenhos que a ilustram ou à pompa das vestimentas de galhardos cavaleiros, ou, ainda, ao inigualável esplendor do séquito feminino. Alma romântica, Pyle inventou cenários de sonhos, em que a natureza por onde transita, dispersa, a gloriosa milícia arturiana, simula o Paraíso.

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Lênia Márcia Mongelli para *Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*, publicado pela Zahar em 2013.



PRÓLOGO

NOS TEMPOS ANTIGOS vivia um Rei muito nobre, chamado Uther-Pendragon, que se tornou Soberano de toda a Bretanha. Este Rei foi ajudado na conquista do título de Pendragon por dois homens, que o auxiliavam em tudo o que fazia. O primeiro desses homens era um certo mago deveras poderoso e por vezes capaz de antever o futuro, conhecido dos homens como Merlin, o Sábio, e ele dava muitos bons conselhos a Uther-Pendragon. O outro era um nobre valoroso e cavaleiro renomado, chamado Ulfius (tido por muitos como o maior líder nas guerras entre os homens que viviam naqueles tempos); e era ele quem dava a Uther-Pendragon auxílio e conselho nas batalhas. Assim, com a ajuda de Merlin e de Sir Ulfius, Uther-Pendragon pôde vencer todos os seus inimigos e tornar-se Soberano de todo o reino.

Após ter reinado por vários anos, Uther-Pendragon tomou por esposa uma certa dama linda e gentil, chamada Igraine. Essa nobre dama era viúva de Gerlois, o Duque de Tintegal, e com esse príncipe tivera duas filhas – uma das quais chamou-se Margaise e a outra Morgana, a Fada. Morgana, a Fada era uma feiticeira famosa. Essas filhas a Rainha trouxe consigo para a Corte de Uther-Pendragon depois que se casou com o poderoso Rei, e lá Margaise casou-se com o Rei Urien de Gore, e Morgana, a Fada casou-se com o Rei Lot de Orkney.



O Rei Uther-Pendragon

Pois bem, passado algum tempo, Uther-Pendragon e a Rainha Igraine tiveram um filho, que era uma criança linda, grande em tamanho e de ossos fortes. Mas enquanto a criança ainda jazia embrulhada nos cueiros, deitada num berço de ouro e ultramarino, Merlin, imbuído do espírito profético que

o dominava (pois tal frequentemente lhe acontecia), foi até Uther-Pendragon e disse:

– Senhor, coube-me prever que dentro em pouco o senhor cairá doente de uma febre e talvez morrerá do intenso suadouro que ela trará. Então, caso algo assim tão doloroso recaia sobre nós, esta jovem criança, que é, em verdade, a esperança de todo este reino, passará a correr enorme perigo de vida; pois muitos inimigos por certo se levantarão com o intuito de raptá-la para tomar sua herança, e ela ou será morta ou mantida em cativeiro do qual não terá quase esperança de escapar. Portanto rogo-lhe, Senhor, que permita que Sir Ulfius e eu levemos a criança imediatamente para longe em segredo até um refúgio seguro, onde poderá permanecer escondida até que cresça e se faça homem e seja capaz de proteger-se destes perigos que a ameaçam.

Quando Merlin terminou de falar, Uther-Pendragon respondeu com o semblante muito sério:

– Merlin, com relação à minha morte, quando chegar a minha hora de morrer creio que Deus me dará a graça de enfrentar meu fim com absoluta alegria; pois com certeza a parte que me cabe não será em nada diferente do que a de qualquer outro homem nascido do ventre de uma mulher. Mas em relação a esta jovem criança, se tua profecia é verdadeira, então o perigo que corre é muito grande, e o melhor é que seja levada daqui a algum abrigo seguro como tu aconselhaste. Portanto, peço que faças como quiseres neste caso, guardando em teu coração a memória de que a criança é o legado mais precioso que deixo nesta terra.

Tudo isso, como foi mencionado, falou Uther-Pendragon com grande calma e equanimidade. Então Merlin fez como tinha aconselhado, e ele e Sir Ulfius saíram com a criança durante a noite, e ninguém exceto eles sabia para onde o bebê tinha sido levado. Pouco depois Uther-Pendragon foi atacado pela doença que Merlin tinha previsto, e morreu exatamente como Merlin temia; portanto foi muito bom que a criança tivesse sido conduzida para um lugar seguro.

E depois que Uther-Pendragon partiu desta vida, também o resto aconteceu conforme Merlin tinha temido, pois todo o reino caiu em enorme desordem. Pois cada rei menor passou a lutar contra o seu rival por poder, e cavaleiros e barões cruéis assaltavam as estradas livremente, cobrando com muita crueldade pedágio de passantes indefesos. E faziam alguns desses viajantes prisioneiros e pediam resgate, enquanto a outros matavam porque não tinham como pagar o resgate. Assim, se alguém se arriscasse a viajar por um motivo qualquer, era comum ver homens mortos pelas estradas. Portanto aconteceu que, depois de um tempo, toda aquela terra sofrida gemia com o tormento que a assolava.

Assim se passaram quase dezoito anos em tamanha aflição, e então um dia o Arcebispo de Canterbury chamou Merlin até a sua presença e falou-lhe assim:

– Merlin, todos dizem que és o homem mais sábio do mundo todo. Será que não podes achar algum meio de curar as cisões deste miserável reino? Usa tua sabedoria neste assunto e escolhe um rei que possa reinar sobre nós todos, para

que possamos mais uma vez encontrar alegria na vida como tínhamos na época de Uther-Pendragon.

Então Merlin ergueu os olhos para o Arcebispo e disse assim:

– Meu senhor, o espírito profético que às vezes me toma me faz agora dizer que sei que esta terra logo terá um rei que será mais sábio e poderoso e ainda mais digno de louvor que Uther-Pendragon. Ele trará ordem e paz onde agora há desordem e guerra. Além disso, posso dizer-lhe que esse Rei terá o mesmo sangue puro e real do próprio Uther-Pendragon.

Em resposta, o Arcebispo disse:

– O que me diz, Merlin, é algo estranho demais. Mas nesse espírito profético não és capaz de porventura prever quando virá este Rei? E podes dizer também como o reconheceremos quando ele surgir entre nós? Pois há diversos reis menores que se arvorariam a ser soberanos desta terra, e muitos que se consideram eles próprios dignos de reinar sobre todos os outros. Como então saberemos distinguir o verdadeiro Rei daqueles que possam vir a se proclamar como o legítimo rei?

– Senhor Arcebispo – disse Merlin –, se me der permissão para executar minha mágica, proporei um desafio que, se algum homem conseguir cumprir, todo o mundo saberá imediatamente que é ele o legítimo Rei e soberano deste reino.

E a isso o Arcebispo disse:

– Merlin, peço que faças o que nesse caso te parecer mais certo.

E Merlin disse:

– Assim o farei.

Portanto, Merlin, por meio de uma mágica, fez com que uma pedra de mármore imensa e quadrada de repente aparecesse na praça, em frente à porta da catedral. E sobre esse bloco de mármore ele fez com que surgisse uma bigorna, e na bigorna fez com que surgisse uma enorme espada com a lâmina nela enfiada até a metade. E esta espada era a mais incrível que qualquer um jamais tinha visto, pois a lâmina era de aço azulado e extraordinariamente brilhante. O cabo era de ouro, trabalhado e esculpido com maravilhosa arte-sania e incrustado com uma quantidade enorme de pedras preciosas, de modo que reluzia com fantástico brilho sob o sol. E ao redor da espada foram escritas em ouro as seguintes palavras:

AQUELE QUE ESTA ESPADA DA BIGORNA ARRANCAR
VERDADEIRO REI-NATO DA INGLATERRA SERÁ.

Assim, uma multidão veio e contemplou a espada e se maravilhou com ela, pois nunca se tinha visto antes nada assim no mundo.

Depois de realizar este milagre, Merlin pediu ao Arcebispo que reunisse todos os homens mais importantes da região quando chegasse a época do Natal; e pediu ao Arcebispo que mandasse que cada homem tentasse arrancar a espada, pois aquele que conseguisse retirá-la da bigorna seria o legítimo Rei da Bretanha.

Então o Arcebispo fez como tinha dito Merlin; e esse foi o prodígio da pedra de mármore e da bigorna, que qualquer um pode facilmente ler por si num livro escrito há muito tempo por Robert de Boron, chamado *Le roman de Merlin*.

ENTÃO QUANDO A ORDEM do Senhor Arcebispo foi passada, convocando todos os homens importantes da região a tentar o milagre (pois de fato era um milagre retirar uma lâmina de espada de uma bigorna de ferro sólido), todo o reino ficou imediatamente tomado de grande comoção, tanto que cada homem perguntava para o seu companheiro:

– Quem conseguirá retirar a espada, e quem será o nosso Rei?

Alguns achavam que seria o Rei Lot e outros achavam que seria o Rei Urien de Gore (já que eram os genros de Uther-Pendragon). Alguns achavam que seria o Rei Leodegrance de Cameliard, e outros que seria o Rei Ryence de Gales do Norte; alguns achavam que seria esse rei, outros achavam que seria aquele, pois o mundo todo estava dividido em diferentes grupos que pensavam de acordo com suas próprias vontades.

Então, quando se aproximou o Natal, parecia que o mundo inteiro ia se dirigindo à cidade de Londres, pois as estradas e os caminhos ficaram cheios de viajantes – reis e lordes e cavaleiros e damas e nobres e pajens e soldados –, todos indo até onde seria feita a tentativa de retirada da espada na bigorna. Todas as hospedarias e todos os castelos estavam tão cheios de

viajantes que era espantoso ver como dentro deles podia caber tanta gente, e por toda parte havia barracas e tendas armadas pelos caminhos para acomodar aqueles que não tinham conseguido hospedagem.

Mas quando o Arcebispo viu a multidão que vinha se aglomerando, disse a Merlin:

– De fato, Merlin, seria algo muito único se entre todos estes grandes reis e nobres e lordes honrosos não encontrássemos alguém digno de ser o Rei desta terra.

Ao que Merlin sorriu e disse:

– Não se espante, meu senhor, se entre todos os que parecem ser tão extraordinariamente dignos não se achar um só digno; e não se espante se, entre todos os desconhecidos, erguer-se um que provará ser inteiramente digno.

E o Arcebispo ponderou sobre as palavras de Merlin, e assim começa esta história.